



INTERNACIONAL

Ano I Nº 283
04 de Junho de 2008

Índice

Greves na industria automotiva alemã	01
Trabalhadores da GM bloqueiam fabrica no Canadá	02
Metalúrgicos participam de intercâmbio na Alemanha	03
Encontro Internacional dos Trabalhadores na Volks	03
Lula quer fim dos subsídios agrícolas	04

Greves na industria automotiva alemã

A industria automotiva alemã foi atingida por uma onda de greves nesta semana na região de Berlim. O poderoso sindicato dos metalúrgicos alemães, o IG Metall, começou uma campanha para que os patrões ofereçam pacotes de benefícios para os trabalhadores que estão para se aposentar. A campanha iniciada nesta semana vai continuar e, segundo o sindicato, deverá atingir mais de 100 mil trabalhadores em 150 fabricas.

A campanha começou nesta quarta-feira na fabrica da Daimler em Mettingen perto de Stuttgart, quando os 700 operários sindicalizados do período noturno recusaram-se a trabalhar depois da meia-noite. Na Bosh, a maior empresa de autopeças do país, os 400 trabalhadores fizeram greve de um dia na fabrica de Stuttgart. Em Neckarsulm, a fabrica da Audi parou por uma hora para realização de uma passeata na cidade.



A luta do IG Metall é pela manutenção de um esquema de aposentadoria precoce aos 57 anos que permite a criação de empregos para jovens trabalhadores. Com a lei estadual prestes a expirar, o sindicato quer que associação das industrias mantenha os benefícios, garantindo a manutenção do pacote de incentivo. Com o final da validade da lei, as aposentadorias voltarão para a idade padrão, de 65-67 anos.

O IG Metall quer estabelecer um precedente a ser aplicado em toda a Alemanha. A onda de greves deverá continuar nas próximas semanas.

Trabalhadores da GM bloqueiam fabrica no Canadá

Utilizando-se de 20 a 30 caminhões os trabalhadores fizeram uma barricada em frente da sede da GM em Oshawa (Canada). Eles protestavam contra o anuncio no dia anterior de que a empresa vai paralisar a produção em quatro fabricas na América do Norte.



Chris Buckley, dirigente do Canadian Auto Workers Local 222 disse à CBS News que cerca de 100 ativistas sindicais participaram do bloqueio. "Ninguém está entrando na sede da GM durante este bloqueio", acrescentando que os funcionários foram autorizados a entrar a pé na instalação, sem os seus veículos.

Os trabalhadores querem uma reunião com a direção da empresa para que ela explique as razões do fechamento da fabrica na cidade, que deixará 2.600 operários sem trabalho.

A direção da GM quer fechar a fabrica, que produz o Chevrolet Silverado e o GMC Sierra, em 2009. Ela quer fechar também as fabricas de Janesville e Moraine, nos Estados Unidos e de Toluca, no México.

Metalúrgicos participam de intercâmbio na Alemanha

Delegação da CNM/CUT está em Frankfurt para evento promovido pela central sindical alemã DGB

Mavara Baccio



Uma delegação de sindicalistas metalúrgicos embarcou na última quinta-feira (29) para a Alemanha, onde participam entre os dias 30 de maio e 3 de junho do Intercâmbio Sindical Brasil-Alemanha, em Frankfurt. O grupo discutirá em seminário a atual situação do sindicalismo brasileiro.

Integrantes da delegação brasileira com o secretário-geral da CNM/CUT, Valter Sanches.

O encontro que é promovido pela central sindical alemã DGB e conta com o apoio da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT) e IG Metall (Alemanha), levantará o debate não só da questão sindical e da eleição do metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva para a presidência da República, como também temas importantes em que o Brasil atua como um dos atores principais no cenário mundial: a luta contra a pobreza, a produção de biocombustíveis e a política de comércio exterior no país.

Ao todo são cinco representantes brasileiros no encontro, que visitarão algumas fábricas alemãs, como Grob e Scheaffler. "Um dos objetivos é pensar na estratégia de avanço nas políticas dos comitês nacionais de fábrica no Brasil", disse Elisandro Marques, do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre.

Segundo Valter Sanches, secretário-geral da CNM/CUT, este tipo de atividade é fundamental para aprofundar laços, ao fazer trabalhos conjuntos em nível mundial. "É uma forma dos trabalhadores barrarem o capital globalizado".

A delegação brasileira é composta pelos sindicalistas Michelle Cícera da Silva, Valdeci Henrique, Dagmar Francisco Alves, Elisandro Lopes e Marcos Marçal Santos. (Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT, 30.05.2008)

Encontro Internacional dos Trabalhadores na Volks

TIE promove encontro sobre Produção Ajustada aos Trabalhadores na Espanha

O TIE Internacional promove de 7 a 13 de junho o Encontro Internacional dos Trabalhadores na Volks "Lean Production ou Produção Ajustada aos interesses dos Trabalhadores", em Barcelona, na Espanha.

O objetivo deste encontro é debater como as novas formas de organização da produção determinam as condições de trabalho e influenciam o trabalho sindical.

Outro ponto de debate é a implementação de instrumentos de ação sindical que permitem combater as mudanças prejudiciais aos interesses dos trabalhadores.

O debate mais importante está voltado para o ajuste da produção aos interesses da categoria. (Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté, 03.06.2008)

Lula quer fim dos subsídios agrícolas

Lula defende fim de subsídios agrícolas para conter alta mundial de alimentos

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu a retirada de subsídios agrícolas por parte de países ricos. Ele participa em Roma da Conferência de Alto Nível sobre a Segurança Alimentar Mundial, que reúne dezenas de chefes de Estado na Agência das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO).



Segundo Lula, 854 milhões de pessoas dormem com fome todos os dias no mundo. Para o presidente brasileiro, é preciso que os líderes reunidos no encontro se mobilizem para que "as pessoas não joguem a culpa do preço dos alimentos em cima dos países pobres mais uma vez". Os debates seguem até quinta-feira e têm como tema "Segurança Alimentar, Mudanças Climáticas e Bioenergia".

O presidente lembrou ontem que a crise de alimentos já atinge países como Chile, Estados Unidos e o próprio Brasil, além de todo o continente europeu e que, diante de uma problemática mundial, o acordo da Organização Mundial do Comércio (OMC) na Rodada Doha precisa ser concluído. "Que os países ricos abram mão dos subsídios agrícolas que dão aos seus agricultores. Que os Estados Unidos diminuam os subsídios. Aí sim, os países pobres vão se sentir motivados a produzir mais alimentos para comer e para vender", disse.

Vilão - No último domingo, já em Roma, o presidente Lula disse que o vilão pela alta de preços dos alimentos e pelo retorno da inflação ao centro das preocupações globais não é o etanol, mas sim o preço do petróleo. Ele afirmou que nenhum país tem autoridade moral ou política para criticar o etanol brasileiro e culpou a especulação com o preço do petróleo nos mercados futuros. "Não vamos nos curvar diante das críticas que nos fazem, quando por trás há interesses eminentemente econômicos e comerciais", afirmou Lula.

Pronto combater idéias que "o mundo desenvolvido tenta levantar", Lula notou que "estranhamente" os ricos não discutem a incidência do preço do petróleo no transporte de alimentos no mundo e na produção de fertilizantes. "Vivemos uma especulação no mercado futuro de petróleo. Não tem sentido o barril estar a US\$ 140. "Dizer que é apenas pelo consumo na China não é convincente. O preço do petróleo na bomba de gasolina não chega a US\$ 35 o barril. Tem muita gente ganhando dinheiro no mercado futuro com o petróleo", disse.

O presidente reiterou que não se vai plantar cana na Amazônia e que não é necessário utilizar mais terra na Amazônia para produzir soja. "Ninguém no mundo tem autoridade moral de falar da questão ambiental no Brasil. Nenhum país no mundo tem autoridade moral e política para falar de conservação ambiental e de etanol conosco. Até porque a União Européia só tem 0,3% da sua mata original. Quando falar com o Brasil, primeiro olhe no seu lado", afirmou.

Petistas apóiam defesa do etanol

Deputados do PT elogiaram ontem as afirmações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva contra os subsídios agrícolas por parte de países ricos. Para os petistas, o presidente brasileiro também acertou ao afirmar que o responsável pela alta de preços dos alimentos e pela inflação não é o etanol, mas a elevação do custo do petróleo.

Segundo o deputado **Marco Maia** (PT-RS), a posição de Lula considera corretamente as consequências do preço do barril do petróleo. "Esse preço está intimamente ligado à escassez de alimentos", disse. Segundo ele, nenhum país consegue suportar o preço do aumento do barril. "Isso representa um atentado contra a soberania dos países. As grandes nações deveriam realmente se preocupar mais com o monopólio desses preços do que com a produção do etanol. O etanol se coloca como alternativa para essa situação", disse.

O deputado afirmou ainda que o Brasil pode cumprir um papel determinante na produção de alimentos. "Temos agricultura familiar e um forte setor agropecuário. Por outro lado, esperamos que o mundo faça sua parte para acabar com os subsídios dados pelos países desenvolvidos a seus agricultores. Isso permitiria a outras nações o desenvolvimento de produções mais baratas", afirmou.

Na avaliação do deputado Carlito Merss (PT-SC), além dos subsídios dados ao setor agrícola nos países desenvolvidos e da alta do preço do petróleo, também impactam o cenário da alta da alimentação mundial a atuação dos grandes oligopólios de insumos para a produção. "Concordo plenamente com o presidente Lula que também deve-se considerar, e muito, a especulação. Vale a pena lutar para mudar esse quadro", defendeu.

O deputado **Devanir Ribeiro** (PT-SP) destacou que as áreas agricultáveis no Brasil não sofrem redução, ao contrário. "Nossa produção de grãos tem aumentado a todo ano. Então, não é o etanol que deprime a produção de alimentos. Quem é contra o etanol são as grandes empresas de petróleo, as empresas petroleiras. Nos Estados Unidos, talvez se possa falar em redução, uma vez que eles produzem o etanol do milho, que é alimento importante tanto nos EUA como no México, por exemplo", disse. (*Informes*, 03.06.2008)

O paradoxo entre a produção de alimentos e a fome

Entre 3 e 5 de junho, será realizada a Conferência de Alto Nível sobre a Segurança Alimentar Mundial e os Desafios das Mudanças Climáticas e da Bioenergia, da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). O evento que vai ocorrer em Roma, na Itália, reunirá Chefes de Estado e de Governo, com o objetivo de traçar uma estratégia para a segurança alimentar mundial nos próximos anos.

Em entrevista à Adital, a presidente do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea-CE), Helena Selma Azevedo, fala sobre o paradoxo entre a capacidade de produção de alimentos e as milhares de pessoas que morrem ou têm seu desenvolvimento prejudicado por conta da carência de nutrientes. Conflito que se sente mesmo num governo em que a erradicação da fome foi uma das grandes metas no período de campanha.

Adital - Qual sua expectativa em relação à Conferência de Alto Nível sobre a Segurança Alimentar Mundial?

Helena Selma Azevedo - Mais desejo que expectativa. Que sejam estabelecidos princípios para a produção e comercialização de alimentos tendo como diretriz a garantia da Soberania Alimentar dos Povos e Nações. Desejo, acima de tudo, que não sucumba à pressão das grandes corporações para mais uma revolução verde, com os OGMs, como uma saída para a atual crise de alimentos.

Adital - Quais são os desafios para promover a segurança alimentar hoje, diante das mudanças climáticas, da escassez e da conseqüente alta mundial nos preços dos alimentos?

Helena Selma Azevedo - As questões referentes à Segurança Alimentar e Nutricional sempre são muito complexas, porque são sistêmicas e as variáveis intervenientes são bastante entrelaçadas. Portanto, as explicações e propostas colocadas neste curto espaço serão incompletas. Várias causas estão sendo apontadas para a atual crise mundial de alimentos com forte impacto nos países pobres, mas todas elas são decorrentes de o fato dos alimentos serem tratados como

meras mercadorias e a atual sociedade de consumo ter esquecido que nosso corpo é composto pelos alimentos que ingerimos, nossa saúde depende da quantidade e da qualidade do que comemos. Esse pensamento reforça outras causas que estão relacionadas com o modelo de produção e distribuição das riquezas que historicamente vem provocando enormes desigualdades entre países, concentrando riquezas de um lado e pobreza de outro.

As guerras e os conflitos étnicos são outra causa da degradação dos meios de produção de alimentos e a conseqüente intensificação da fome. As causas imediatas são os ajustes estruturais impostos pelo FMI (Fundo Monetário Internacional), que retiraram dos países pobres a capacidade de produzir seus próprios alimentos; a alta do preço do petróleo que incide sobre seus derivados utilizados no processo de produção e transporte de alimentos; o uso do milho para combustível; a especulação do preço com uma "financeirização" dos alimentos; simultaneidade de várias catástrofes ambientais e aumento da demanda de alimentos. A solução de curto prazo é implementar medidas que contenham a especulação dos alimentos. No caso do Brasil, que regulem a comercialização dos estoques priorizando a Segurança Alimentar em relação ao lucro da exportação. O Brasil não tem crise de produção de alimentos, pelo contrário, é produtor de alimentos. O único alimento que não produz em quantidade suficiente para o consumo interno é o trigo, e parte do milho que é usado para ração animal. Nosso grande problema é o acesso aos alimentos por parte das populações pobres, que não dispõem de poder de compra, e o empobrecimento dos povos do campo. As soluções em médio e longo prazo são: realizar uma reforma agrária com terra, água, conhecimento e investimento; intensificar o apoio à agricultura familiar camponesa; estimular a agroecologia e a economia solidária; reduzir o desperdício de alimentos na produção, comercialização, transporte e consumo, e, em especial, promover a equidade de território, classe, gênero, etnia, raça, geração e orientação sexual, pois as diferenças existentes são utilizadas para justificar todas as desigualdades que geram pobreza e insegurança alimentar. Sem essas providências poderemos correr o risco de exportar alimentos enquanto uma grande parcela da nossa população passa fome, com campos desertos de gente que está comprimida no cinturão de pobreza das grandes, médias e pequenas cidades.

Adital - A preocupação com a segurança alimentar ganhou status de política governamental no governo Lula, através do Consea. Mas, nos últimos meses, o Brasil vem recebendo críticas de outros países por conta do incentivo ao etanol, que tiraria terras que poderiam ser destinadas a produzir alimentos para combustíveis. Na sua opinião, haveria aí um conflito de políticas?

Helena Selma Azevedo - O governo Lula é um governo marcado pela disputa, um grande exemplo é a existência simultânea do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Outro exemplo é a recente saída da Marina Silva e a sua presença na posse de seu sucessor no Ministério do Meio Ambiente. Podemos computar muitas conquistas e derrotas com relação às políticas de SAN (Segurança Alimentar e Nutricional). Essa mesma disputa se reflete nas decisões relacionadas com os agrocombustíveis, envolta em uma grande tensão entre os que defendem a ampliação indiscriminada e outra, com as quais comungamos, que defende uma regulamentação que garanta prioridade à Segurança e Soberania Alimentar, de tal forma que não haja substituição das áreas de produção de alimentos. O problema na tendência atual da produção dos agrocombustíveis é a expansão em áreas de cultivo de alimentos como o milho e o feijão, em grandes extensões de terra, na forma de monocultura que degrada o ambiente, expulsa as comunidades tradicionais do campo e explora a força de trabalho. Será, contudo, uma boa alternativa energética se sua prática vier combinada com a policultura da agricultura familiar camponesa.

As matérias sobre Economia Solidária são produzidas com o apoio do Banco do Nordeste do Brasil. (ADITAL, 29.05.2008)